

**(FOTO) IMAGINO
(GRAFÍAS): a poética do
ficcionar**

(FOTO) IMAGINO (GRAFÍAS): la
poética del ficcionar

(PHOTO) J'IMAGINE (GRAPHIE): la
poétique de la fiction

**Maria dos Remédios de Brito¹
Manoel Januário da Silva Neto^{2, 3}**

RESUMO

O ensaio visual fotográfico é um bloco de sensações que carrega uma potência poética dos sentidos. A imagem fotográfica liberta o que assim *foi*, pois diante

¹ Graduada em Filosofia pela Universidade Federal do Pará; Pós-doutora em Filosofia da Educação pela Unicamp/Universidade Estadual de Campinas. Professora da Universidade Federal do Pará/Instituto de Educação Científica e Matemática. Coordenadora do Grupo de estudos *Transitar*; Faz pesquisas com a Filosofia e a Educação nas conexões com o pensamento da Filosofia da Diferença. Atua nos programas de pós-graduação em Artes/Instituto de Ciências das Artes e no programa de pós-graduação em Educação em Ciências e Matemática/Instituto de Educação Científica e Matemática, da Universidade Federal do Pará. E-mail: mrb@ufpa.br/mrdbrito@hotmail.com.

² Graduado em Física pela Universidade Federal do Pará; Fotógrafo e Professor da Universidade Federal do Pará. Mestre em Física pela Unicamp/Universidade Estadual de Campinas; Doutor em Educação em Ciências e Matemática/IEMCI/Universidade Federal do Pará. E-mail: mneto40@gmail.com.

³ Endereço de contato dos autores (por correio): Universidade Federal do Pará, Instituto de Educação Matemática e Científica. Rua: Augusto Corrêa, Guamá, CEP: 66075-110 - Belem, PA – Brasil.

da morte salta efetivamente a vida e, assim, é possível arriscar ficcionalidades quando a imagem não é.

PALAVRAS-CHAVE: Fotografia; poética; ficção.

RÉSUMÉ

L'essai visuel photographique est un bloc de sensations qui porte un pouvoir poétique des sens. L'image photographique libère cela qui a été, parce que, devant la mort, la vie saute effectivement, et, par conséquent, il est possible de risquer des fictionnalités quand l'image n'est pas.

MOTS-CLÉS: Photographie; poétique; fiction.

RESUMEN

El ensayo visual fotográfico es un bloque de sensaciones que lleva una potencia poética de los sentidos. La imagen fotográfica libera lo que así fue, pues ante la muerte salta efectivamente la vida y, así, es posible arriesgar ficcionalidades cuando la imagen no es.

PALABRAS-CLAVE: Fotografía; poética; ficción.

Recebido em: 16.02.2017. Aceito em: 16.03.2018. Publicado em: 01.04.2018.

I

A POÉTICA DO FICCIONAR POR IMAGENS

O que faz alterar o olho? Que pele necessita agarrar? O que quer dizer uma imagem? Que pedaço carece ser parado? O que se quer mostrar? O que está entre o olhar e o desejo de reter o tempo? Que vida travessa essa imagem que demarca um aparente gesto de afastamento da finitude? Todas essas perguntas poderiam ser feitas quando se trabalha com a imagem fotográfica e muitas outras também. Mas a ideia sobre fotografia que se deseja tratar não vem carregada do entendimento sobre o testemunho, sobre o documento, a imagem como fixação de um instante, nem passa pela leitura, a imagem como memória, embora a fotografia possa ser tudo isso.

Neste ensaio visual, a fotografia é posta como capacidade de liberar blocos de sensações, de perceptos e de afectos, carregando uma potência poética de multiplicidades de sentidos, um liberar daquilo que foi... Pois uma imagem nunca é efetivamente, dela pulula tantas outras imagens, que da morte, salta a vida. Arrisca-se uma ficção, contingências que passa pela imagem naquilo que é visível, legível ou mesmo invisível, passível de uma ou mais descrições, leituras e traduzibilidades.

Um olho, um olhar não se aproxima para explicar, discernir, conhecer, reconhecer, dar um nome, pode haver olhar flutuante, no qual os blocos de sensações entram em desprendimentos causais e instrumentais...

A imagem fotográfica não é apreendida, mas antes somos apreendidos por ela... Já não paira a necessidade de um saber da imagem, mas como essa imagem diz para aquele que olha, pois da imagem já não se pode saber e não

poderia saber quando vista por uma nuvem composta de uma virtualidade que não se pode abarcar... Para essa perspectiva, seria preciso desfazer alguns hábitos, deixar, por exemplo, de acreditar que ao nomear ou representar uma imagem se pode dizer sobre ela, decifrar uma verdade.

O fotógrafo olha em sua volta, foi capturado por alguma coisa ali presente, atingido, contudo, não saber apreender ou dizer de sua totalidade sobre o objeto ... Que objeto é esse exibível, limitado, enquadrado pela lente da máquina fotográfica? Se poderia dizer que é uma matéria, ondas de partículas luminosas... Ela é visual, mas e daí? Esse composto luminoso provoca excessos, produz intensidades, dobra sentidos, atinge aquele que olha em várias perspectivas. Se tudo isso fosse um acontecimento, não remetendo uma efetuação, um estado de coisas, a fotografia seria uma expressividade, aquilo que passa diante da impossibilidade de ter. Uma paisagem de sentidos, que expressa uma linguagem aberta, um deslizar, um dizer o que não se diz, apenas comunica uma força, uma potência poética que não perguntará pelo o sentido do que aconteceu, mas por aquilo que incide entre o encontro do que acontece e a linguagem daquele que fez a imagem.

A imagem fotográfica como uma experiência daquilo que advém *entre* o fotógrafo, a planificação da luz e um estado de seres visíveis e sensíveis, configurada por uma superfície emoldurada de perceptos e de afectos, faísca (im) previsões, visões. A retenção do visível se espalha onde o passado presentificado pela câmera fotográfica é achatado em superfícies sensíveis, em que o tempo pode ser borrado pela leitura do observador e fragmentado pelo clique da máquina. Seria possível até dobrar o tempo ou fazer camadas com ele por meios das imagens fotográficas.

Assim, se a morte está presente na fotografia não é para figurar o apagamento, mas para dizer, reclamar da força poética da evidência... Uma espécie de latejar da morte e da vida desenhada por um *entre lugar*, saltando uma *latência* da vida... A Fotografia como um ficcionar, uma abertura para outras lógicas do sentido, do imprevisível instante, de sua duração e de sua abertura poética. Então, a imagem fotográfica fica sempre com o efêmero, com o que acontece e, assim, colhe uma passagem, que não deixa de passar... O que importa dessa passagem é a potência arraigada no que salta da imagem, sendo possível criar outra temporalidade. É preciso abrir o "olho" da máquina para que o olho humano expanda sua imaginação por entre foto (imagino) grafias e com elas criar paisagens...

II

(FOTO) IMAGINO (GRAFIAS)



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.

revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 2, Abril-Junho. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n2p1046>



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.



Fotografia de Manoel Neto. Imagem recolhida em uma Floresta do Município de Nova Ipixuna/Pará.

Nota de referências: O texto não apresenta referências, mas foi inspirado pelo pensamento de Gilles Deleuze, Georges Didi Huberman, Jacques Rancière, Roland Barthes, Fraçoias Zourabichvili, Alik Wunder e Manoel Neto.